

INVESTIGANDO A TRADUÇÃO INTRALINGUAL

Silvana Maria de Jesus¹

Resumo: A tradução intralingual (ou INTRA) é um fenômeno comunicativo bastante comum em nossa sociedade. Entretanto, tem recebido pouca atenção dos pesquisadores nos Estudos da Tradução. Este artigo aborda, a partir de uma pesquisa bibliográfica e relato de pesquisas que fazem estudos de caso, um pouco do universo da INTRA: sua definição, em sentido amplo e estrito, seu lugar nos Estudos da Tradução, alguns de seus diferentes tipos e uma proposta de seus aspectos descritivos e sua relação com a acessibilidade. Foram selecionados os vinte primeiros artigos do Google Acadêmico, dez em português e dez em inglês, além de autores que têm se destacado nos estudos sobre a INTRA. Observa-se que a INTRA é um fenômeno complexo, que vem crescendo com as demandas por linguagem simples, e que carece de mais amplos estudos descritivos e explicativos.

Palavras-chave: tradução intralinguística, Estudos da Tradução, simplificação, acessibilidade.

INVESTIGATING INTRALINGUAL TRANSLATION

Abstract: Intralingual translation (or INTRA) is a very common communicative phenomenon in our society. However, it has received little attention from researchers in Translation Studies. This article addresses, based on bibliographical research and reports of previous case studies, a bit of INTRA's universe. It discusses its definition, in a broad and strict sense, its place in Translation Studies, some of its different types and some insights into its descriptive aspects. Also, it presents the relationship between INTRA and accessibility. The first twenty articles from Google Scholar, ten in English and ten in Portuguese, were selected, as well as authors who have stood out in studies on INTRA. It was observed that INTRA is a complex phenomenon, which has been growing with the demands for simple language, and which requires broader descriptive and explanatory studies.

Keywords: intralingual translation, Translation Studies, simplification, accessibility.

1. Introdução

Ainda que haja divergências sobre a definição de tradução, o produto – o texto traduzido – existe e está cada vez mais presente em nosso dia a dia; proporcionalmente, amplia-se o espectro de serviços linguísticos e os profissionais da tradução são solicitados para novas e renovadas demandas. Quando se fala em tradução, o típico é se pensar na conexão entre duas

¹ Profa. do Curso de Tradução da UFU (ILEEL, 2010+). Dra. e mestre em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras da UFMG (2008). Graduação em Letras (Bacharelado, inglês) pela UFMG (2001). Pos-Doc na Universidade do Sarre (Alemanha 2009). Pesquisadora do LETRA na Faculdade de Letras da UFMG (2002-2008). Estágio na Universidade Autônoma de Barcelona, no Programa de Doutorado em Tradução e Estudos Interculturais (2005). Áreas de atuação: estudos da tradução, linguística de corpus, metodologia de pesquisa, tradução e terminologia, tradução e psicologia. Analista Transacional certificada pela UNAT-BRASIL. Psicóloga pela Faculdade Pitágoras Uberlândia (2022). Foi coordenadora do Bacharelado em Tradução da UFU (2019-2021). Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9324727547201157>

línguas; entretanto, há vários processos de tradução na mesma língua, a chamada tradução intralingual (ou intralinguística).

É quase impossível falar sobre tradução intralingual e não encontrar uma referência ao trabalho do linguista R. Jakobson (Schuttleworth e Cowie, 1997) com sua clássica tipologia tripartite dos tipos de tradução: interlinguística, intralinguística e intersemiótica (daqui em diante, INTERL, INTRA, INTERS, respectivamente).

Como se pode inferir, a INTRA pode ser definida como a tradução que ocorre nos domínios internos de uma língua, como por exemplo, a tradução das obras de Harry Potter do inglês britânico para o inglês americano, ou a tradução de obras de Machado de Assis para os quadrinhos (que também envolve INTERS, ou seja, do verbal para não-verbal). Tradicionalmente, a INTERL é o tipo clássico de tradução, ou *proper translation*, como aponta Jakobson e pouco se tem estudado sobre a INTRA nos Estudos da Tradução, deixando em aberto definições mais abrangentes, aspectos descritivos de instâncias reais de produção e uso da INTRA, diferenças e semelhanças entre INTRA e INTERL, aspectos da competência tradutória relativas à INTRA, as técnicas de tradução, a relação tradutor-especialista, entre outras questões.

Por outro lado, a INTRA tem merecido atenção de estudos no campo da Linguística Textual, especialmente com os trabalhos de Marcuschi (2008) sobre a retextualização da fala para a escrita. Recentemente, ainda, a INTRA tem merecido atenção de estudos no campo da Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT), conforme os trabalhos desenvolvidos pelo *Grupo de Pesquisa em Acessibilidade Textual e Terminológica, linguagem simples e inclusiva* (GEATT-UFRGS)², que compreendem o processo de simplificação textual (ST) como um tipo de INTRA (Finatto, 2020; Finatto e Tcacenco, 2021; Motta, 2022).

O objetivo deste artigo é contribuir para as discussões e pesquisas sobre a INTRA, a partir da elaboração da sua definição e de aspectos descritivos deste fenômeno, bem como de seu papel no campo da acessibilidade. Este trabalho caracteriza a INTRA em sentido lato e estrito, propõe a utilização de aspectos descritivos ao invés de uma tipologia e apresenta alguns trabalhos que se situam no escopo da INTRA em âmbito geral e no campo da acessibilidade textual e terminológica.

² Grupo de Pesquisa registrado no CNPq (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/788648) coordenado pela profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mais informações em <https://sites.google.com/view/geatt> e <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/> .

2. A INTRA em sentido amplo e estrito

Devido à sua importância e presença no dia a dia da comunicação social, alguns autores entendem a tradução, e especialmente a INTRA, como um fenômeno recorrente em todos os tipos de comunicação. Steiner diz que “na mesma língua ou entre línguas, a comunicação humana é tradução” (apud Shuttleworth e Cowie, 1997, p. 87) e para Arrojo (1992, p.72), “há, no início e na origem de qualquer significação, um processo de tradução”. Nesse contexto, podemos pensar a INTRA em sentido lato, que se caracteriza pela espontaneidade e informalidade da produção do fenômeno no cotidiano, como aponta Eleutério:

A tradução intralingual é essa metamorfose que torna possível dar à língua o curso que desejar, seja na tradução literária para crianças ou na linguagem cotidiana, quando recorremos a algum profissional, um médico, por exemplo, que explica conceitos complexos em palavras que o locutor seja capaz de compreender. Dentro de nossa própria língua há uma diversidade de conotações que são perceptíveis apenas quando explicadas” (Eleutério, 2021, p. 120).

Por outro lado, importa considerar a INTRA em sentido estrito, em contextos onde há uma produção textual formal, especializada, a partir de critérios explícitos e reproduzíveis, como na tradução/adaptação de um romance para uma obra infantil, de um livro para um *audiobook*, de um dialeto para outro, de um texto técnico para um texto leigo ou na modernização de uma obra literária para uma linguagem atual.

Nesse sentido, Zethsen e Hill-Madsen (2022) defendem uma definição criteriosa de INTRA para os Estudos da Tradução. Eles definem INTRA como a “reescrita entre diferentes variedades da mesma língua” (p. 176). Os autores propõem revisitar o conceito de tradução a partir de três critérios³: texto de partida, derivação e relação de similaridade relevante; consideram ainda a importância da mediação e da diferença semiótica.

Uma tradução é um texto que obedece às seguintes condições:
 - Um texto de partida (verbal ou não) existe ou existiu em algum momento.
 - *O texto de chegada é derivado do texto de partida (resultando em um novo produto em outra língua, gênero, meio ou sistema semiótico).*
 - A relação resultante é de similaridade relevante, que pode ter muitas formas dependendo do escopo.
 (Zethsen e Hill-Madsen, 2022, p. 192, grifos nossos).

³ Uma reelaboração dos três critérios propostos por Toury: texto de partida, transferência e relação.

Assim, o tradutor intralinguístico parte de critérios específicos para a reescrita do texto traduzido, considerando a finalidade da tradução e o público-alvo. A similaridade relevante é mantida a partir de estratégias específicas de reescrita (Zethsen, 2022), conforme as metas a serem atingidas e requer um conhecimento especializado para sua produção. O conceito estrito de INTRA aqui proposto está em sintonia com a definição de tradução apresentada pelo grupo PACTE: “atividade comunicativa dirigida a atingir metas, que envolve tomada de decisão e resolução de problemas e requer um conhecimento especializado” (Hurtado-Albir, 2017, Introduction, p. xxvi).

Por outro lado, há que se considerar algumas objeções ao conceito de INTRA. Mossop (2016) argumenta contra a inclusão de todos os tipos de reescrita intralingual nos Estudos da Tradução. O autor considera que não seria produtivo ampliar assim o escopo do fenômeno investigado nos Estudos da Tradução. Ele defende que a característica central da tradução é a invariância e, portanto, as produções textuais que têm como foco a variação, como é o caso de alguns tipos de INTRA, não poderiam ser chamadas de tradução. Mossop sugere denominações como reescrita intralingual, produções interlinguísticas, edição ou *cislation*, sem desmerecer a importância destes fenômenos.

Pode-se considerar que a proposta de Mossop (2016) vincula-se a um conceito de tradução que tem como pontos centrais a língua e a equivalência ao texto fonte. Por outro lado, perspectivas no viés da sociolinguística têm como pontos centrais a comunicação e a variação da língua conforme o contexto sócio-político-cultural, bem como o papel do tradutor como mediador (Lacerda, 2010; Wolf, 2022). Nessa perspectiva, a INTRA atende a demandas sociais importantes, visto que permite a comunicação entre diferentes tipos de leitores em uma mesma cultura.

Outro ponto a favor da inclusão da INTRA nos Estudos da Tradução vem do campo dos estudos de processo, ou das abordagens cognitivas da tradução. Whyatt et al (2016) comparam o esforço cognitivo despendido por tradutores profissionais na tradução inter e intralingual. Ainda que o resultado aponte para um maior esforço cognitivo na tarefa de tradução interlingual, os autores consideram os vários fatores em comum entre os dois tipos de tradução: os três estágios processuais - orientação, redação e revisão; interpretação, transferência e mapeamento de significados; as restrições impostas pelos processos cognitivo e linguístico; as restrições impostas pelo texto fonte e sua reformulação para diferentes leitores; e, por fim, a atividade de mediação linguística para remover barreiras e facilitar a comunicação.

Essa discussão demanda mais estudos teóricos e aplicados. Por ora, concordamos com Zethsen (2022) que a diferença entre INTRA e INTERL é mais de grau do que de tipo. Ou seja,

considerando-se que na tradução sempre há mudanças e pensando em um *continuum* de 0 a 100%, podemos inferir que na INTRA o grau de variação vai ser maior, ainda que na INTERL ele também aconteça. Hill-Madsen (2019) propõe o uso de quatro parâmetros para análise da INTRA, considerando-se, justamente, o grau de variação: i) grau de transferência – conteúdo do texto fonte que não aparece no texto traduzido; ii) grau de derivação – conteúdo que foi acrescido no texto traduzido e não está no texto fonte; iii) grau de tradução – quanto e como o conteúdo do texto fonte foi traduzido; iv) as estratégias de tradução utilizadas – investigação de mudanças lexicais, sintáticas e ortográficas.

A favor ou contra a inclusão da INTRA nos Estudos da Tradução, certo é que as discussões apontam para a necessidade de pesquisas sobre esse fenômeno. Além de uma definição mais clara e abrangente, esse campo de estudo carece de aspectos descritivos que possam esclarecer os vários aspectos da INTRA e sua tipologia.

3. Tipos de INTRA ou aspectos descritivos

Se considerarmos os três macrotipos de tradução apontados por Jacobson - INTERL, INTRA e INTERS – podemos investigar os subtipos de tradução em cada categoria. Talvez ainda seja muito cedo para falar sobre subtipos de INTRA, visto que este fenômeno tem sido pouco estudado. Entretanto, teceremos aqui algumas considerações. A proposta de subtipos de tradução pode ser bastante limitante, pois não dá conta da diversidade de possibilidades, tampouco atende aos casos em que várias categorias se sobrepõem.

Por exemplo, quando se fala em subtipos de tradução INTERL, os mais comuns são: tradução literária, técnica, audiovisual, juramentada, publicitária, comercial, jornalística, bíblica, entre outras. Os poucos trabalhos que tratam dos subtipos de INTRA falam em temporal, dialetal e funcional (Hill-Madsen, 2019; Zethsen e Hill-Madsen, 2022)⁴ e paráfrase, paródia, pastiche, adaptação e retextualização (Mendes, 2009). Já na tradução INTERS (também conhecida como adaptação ou interartes), fala-se em diferentes meios ou modos semióticos - cinema, televisão, teatro, literatura, fotografia, pintura, entre outros.

O estudo da INTRA nos permite revisitar estes subtipos e observar que não há uma delimitação tão clara entre eles, visto que podem ocorrer em qualquer um dos três macrotipos (INTRA, INTERL ou INTERS). Portanto, seria mais produtivo analisar um projeto de tradução

⁴ Diacrônica, dialetal e diafásica, segundo Hill-Madsen, 2019; ou diacrônica, dialetal e intergenérica, nos termos de Paraguassu, 2018.

(ou um produto) e apresentar suas características **a partir de seus vários aspectos descritivos**. Vejamos um exemplo em que os três macrotipos estão presentes e os subtipos se misturam. O grupo de pesquisa PRO.SOM da UFBA produz *audiobooks* a partir da tradução INTERL. Anastácio (2012) relata o projeto de tradução da obra nigeriana *Opera Wonyosi*, do ganhador do Nobel de Literatura, Wole Soyinka. A obra foi traduzida para o português, pelo grupo, com o título *Ópera da Malandragem*, em 2010. O texto traduzido em português foi adaptado para o teatro e, posteriormente, para o *audiobook*. Nesse projeto, ocorre a INTERL (do inglês para o português), a INTRA (texto dramático escrito para oral) e a INTERS (do livro para o teatro e depois para o *audiobook*). Em termos de subtipos, há a presença de tradução literária (literatura pós-colonial) e de tradução dialetal (do nigeriano para o dialeto baiano), tradução temporal (dos anos 1970 para os anos 2010) e funcional (do escrito para o oral).

Nesse caso, descrever as características do projeto de tradução é mais produtivo do que classificar segundo a tipologia existente que busca caracterizar os três macrotipos separadamente. Este exemplo aponta para a condição de que os subtipos considerados hoje na literatura podem ocorrer em qualquer um dos macrotipos de tradução INTERL, INTRA e INTERS.

A tradução é um fenômeno complexo em que vários elementos estão interligados. Propõe-se, assim, que cada projeto de tradução seja descrito a partir dos vários aspectos que lhe dizem respeito, podendo incluir:

- i) tipos de tradução – escrita, oral (interpretação), não verbal (intersemiótica);
- ii) línguas envolvidas – interlingual, intralingual; mono, bi ou multilíngue;
- iii) áreas de especialidade - literária, técnica, audiovisual, juramentada, publicitária, comercial, jornalística;
- iv) tipo de variação linguística – diacrônica (tempo), diatópica ou dialetal (lugar, dialetos), diastrática (grupos sociais), diafásica (grau de formalidade), diamésica (suporte, gêneros, oral-escrita);
- v) meios semióticos – cinema, TV, teatro, livro, fotografia, pintura, audiobook, quadrinhos;
- vi) estratégias textuais – paráfrase, paródia, pastiche, resenha, resumo, retextualização, simplificação, adaptação, revisão, edição;
- vii) técnicas retóricas – adição, omissão, transposição, modulação, substituição, explicação, amplificação, regularização.

Zethsen (2022) propõe a análise da INTRA a partir de quatro fatores: i) conhecimento ou expertise do leitor; ii) tempo ou variação diacrônica; iii) cultura e iv) espaço do texto. Considero

que estes parâmetros se encontram incluídos nas categorias acima, especialmente no tipo de variação linguística.

A partir deste panorama, apresenta-se alguns trabalhos cujos autores situam seu objeto de investigação no campo da INTRA e que apresentam um estudo de caso no tema. Para seleção destes trabalhos foi feita uma busca online no Google Acadêmico e no Google Scholar, a partir das palavras-chave “tradução intralingual” e “intralingual translation”, respectivamente. Foram selecionados os 10 primeiros trabalhos que apareceram em cada buscador – dez em português e dez em inglês. Além do texto selecionado, buscou-se outros trabalhos dos autores, os quais contribuíram para a fundamentação teórica.

No português, o texto 1 (Zethsen e Hill-Madsen, 2022) e o texto 2 (Zethsen, 2022) são traduções do inglês para o português de dois artigos, de 2016 e 2009, respectivamente, originalmente publicados na revista *Meta* e serão considerados junto com os textos em inglês. Os textos 4, 5 e 10 foram excluídos da análise, pois o 4 é uma repetição do texto 1; o 5 trata da INTRA no contexto da LIBRAS, o que merece um estudo à parte; e o 10 não traz um estudo de caso. O texto 8 (Ponomarenko e Rebechi, 2023) será comentado na seção sobre acessibilidade. Os textos 3 (Dias, 2013), 6 (Carvalho, 2020), 7 (Moura, 2014) e 9 (Benchimol-Barros et al, 2020) serão apresentados na próxima seção.

No inglês, os textos 5, 6 e 10 não foram incluídos na análise por não estarem disponíveis online. Os textos 1 (Whyatt, 2017), 3 (Zethsen e Hill-Madsen, 2022) e 4 (Mossop, 2016) são textos teóricos e foram citados ao longo do artigo. O texto 9 (Jensen, 2015) será comentado na seção sobre acessibilidade. Os textos 2 (Zethsen, 2022), 7 (Albachten, 2013) e 8 (Hill-Madsen, 2019) serão apresentados na próxima seção.

4. Alguns estudos no campo da INTRA

Esta seção apresenta alguns trabalhos publicados no campo da Linguística que tratam sobre a INTRA. Não foi considerado, neste momento, se os trabalhos apresentados poderiam ou não ser classificados como INTRA, visto que ainda carecemos de discussões mais amplas sobre o tema; buscou-se apenas descrever quais fenômenos linguísticos estes autores inserem no campo da INTRA. Assim, foram incluídos nesta seção os trabalhos que fazem a análise ou a produção de algum material, considerado pelo autor(a) como um tipo de INTRA. Os trabalhos que focam a discussão teórica foram incluídos nas seções anteriores.

Dias (2013) apresenta seu trabalho de tradução intralinguística no campo da legendagem de novelas brasileiras para surdos e ensurdecidos em Portugal. A tradutora desconstrói sua

crença inicial de que o processo seria simples e percebe a complexidade da INTRA no contexto da legendagem. Além de produzir as legendas no dialeto português de Portugal, Dias legenda os elementos não verbais, ampliando o acesso ao conteúdo das novelas. Nesse processo, que a autora chama de *tradaptação*, elementos extras podem ser inseridos nas legendas, como por exemplo o símbolo # em cores diferentes para indicar música ou silêncio, com o objetivo de melhorar a experiência do público-alvo.

Carvalho (2020) elabora a tradução intralingual do léxico do Círio de Nazaré, um evento cultural paraense considerado pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade e estudado por antropólogos, sociólogos, historiadores e teólogos. Considerando as diferentes variedades linguísticas diatópicas (ou dialetais) no Brasil, Carvalho propõe e realiza a construção do Vocabulário do Círio de Nazaré na perspectiva de traduzir este dialeto para os turistas de outras regiões do país. A autora discute os limites entre leitura, interpretação, escrita e reescrita, considerando o tradutor como um mediador.

Moura (2011, 2014) defende que a tradução intralingual se dá no âmbito da mudança de registros, discursos e gêneros textuais. Em sua dissertação, a autora analisa o processo de revisão de uma apostila técnica, simplificada para fins pedagógicos. Dois textos fontes produzidos por técnicos são simplificados para a elaboração de material didático para um curso técnico. Assim, Moura considera a revisão como um tipo de retextualização, ou seja, um tipo de INTRA.

Benchimol-Barros et al (2020) consideram que a investigação terminológica pode se associar à INTRA. Eles elaboram um glossário com 58 termos do Garimpo do Macaco em Cachoeira do Piriá, PA. A INTRA acontece no processo de entrevistar os garimpeiros e, a partir daí, extrair candidatos a termos e, posteriormente, compilar os termos, suas explicações e contextos de uso.

Zethsen (2022) analisa cinco versões de um mesmo texto bíblico, versículos de Lucas no Novo Testamento, comparando a versão dinamarquesa autorizada de 1948 com quatro textos derivados dela: i) Bíblia para a família, 1973; ii) Bíblia para crianças pequenas, 1991; iii) versão autorizada de 1992; iv) versão dinamarquês colonial, 1985/2002. A pesquisadora detectou a presença de explicações, paráfrases, simplificações, explicitações, mudanças estruturais e sintáticas, omissões e atualizações, sempre com o objetivo de adequar o texto ao tipo de leitor pretendido. Com base nessa análise, Zethsen propõe que os principais fatores da INTRA são conhecimento, tempo, cultura e espaço.

Albachten (2013) investiga cinco traduções do romance turco publicado em 1317 e republicado em 1938, 1977, 1980, 1997 e 2002, com propostas de simplificar e atualizar a

língua turca utilizada em diferentes épocas. Embora o original seja de 1317, as versões posteriores baseiam-se no texto de 1938. Apesar da proposta de simplificação e atualização, os tradutores defendem a autenticidade dos textos e preservação do original. O autor argumenta que, embora o termo simplificação já esteja consagrado na literatura, "esse termo obscurece o fato de que o trabalho envolve uma atividade de tradução" (Albachten, 2013, p. 258).

Por fim, Hill-Madsen (2019) discute amplamente a INTRA do ponto de vista teórico e apresenta três estudos de caso, a partir dos parâmetros discutidos. O primeiro, a INTRA dialetal, analisa a versão americana da obra *Harry Potter e a pedra filosofal*, originalmente em dialeto britânico. O segundo, a INTRA diafásica de um panfleto farmacêutico para o leitor leigo. E o terceiro, a INTRA diacrônica na modernização do clássico inglês, *Hamlet*.

Esses sete estudos de caso mostram diferentes facetas da INTRA e destacam a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema para que se possa melhor delinear o alcance deste tipo de tradução e as suas características. Destaca-se um ponto em comum em todos eles: tornar uma variedade linguística acessível para diferentes públicos falantes de uma mesma língua.

5. A tradução intralingual e a acessibilidade

O Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal do Espírito Santo⁵ define acessibilidade como "a possibilidade de acessar um lugar, serviço, produto ou informação de maneira segura e autônoma, sem nenhum tipo de barreira, beneficiando a todas as pessoas, com ou sem deficiência, em todas as fases da vida".

Nesse sentido amplo, a tradução tem um caráter intrínseco de acessibilidade, pois visa derrubar barreiras comunicativas de diferentes níveis por meio da criação de pontes entre línguas, culturas, conhecimentos, épocas, religiões, gêneros textuais, signos e praticamente todo tipo de comunicação. Assim, a tradução interlingual gera acessibilidade entre línguas distintas, ao passo que a tradução intralingual gera acessibilidade entre diferentes textos (orais ou escritos) em uma mesma língua.

Em sentido mais específico, a acessibilidade refere-se a garantir o acesso a informações e serviços para pessoas com limitações específicas, sejam elas físicas ou psicossociais, com destaque para o acesso ao conhecimento científico e aos serviços básicos para a população, o

⁵ NAUFES UFES – disponível em <https://acessibilidade.ufes.br/acessibilidade-0>. Acesso em junho, 2023.

que é essencial no contexto brasileiro em que 30% da população é analfabeta funcional (Ponomarenko e Rebechi, 2023).

Germano e Kulesza (2007) trazem uma importante discussão sobre a popularização da ciência, vista como uma forma de diálogo entre a academia e o povo (maiorias e minorias excluídas). Nesse sentido, a acessibilidade visa à comunicação dialógica que busca incluir e implicar o indivíduo no conhecimento científico, para além de um mero expectador ou receptor de informações, mesmo que a comunicação se dê entre diferentes níveis de especialidade (leigo-especialista). Mora (apud Germano e Kulesza, 2007, p. 20) defende que "popularizar é recriar de alguma maneira o conhecimento científico, tornando acessível um conhecimento super especializado".

Nesse viés, o *Grupo de Pesquisa em Acessibilidade Textual e Terminológica, linguagem simples e inclusiva* (GEATT-UFRGS) vem desenvolvendo relevantes pesquisas sobre o tema, incluindo o design inclusivo e a criação de uma ferramenta de simplificação textual para temas de utilidade pública (MEDSimples)⁶. Finatto (2020) discute conceitos como acessibilidade, compreensão, leiturabilidade, inteligibilidade, simplificação e complexidade textual, para destacar a necessidade de uma escrita acessível, pois, como aponta a autora, “não basta ler, tem que entender”. A proposta não é apenas simplificar termos, mas operar na composição textual como um todo: “Esse processo de promoção de acessibilidade pode envolver, também, uma produção escrita que já nasça, originalmente, com o objetivo de ser simplificada ou acessível, com alto potencial de ‘leiturabilidade’” (FINATTO, 2020, p. 84).

Isso indica a necessidade de investigação das interfaces entre a escrita e a reescrita acessível, e das estratégias utilizadas na produção desta (re)escrita acessível. Zethsen (2022) reconhece a simplificação com a estratégia base da INTRA, apontando a necessidade de mais pesquisas empíricas descritivas neste campo. O processo de simplificação não pode ser visto como algo simples e linear. Pelo contrário, é complexo e plural, pois visa incluir vários discursos e sujeitos, construindo pontes que possibilitem e amplifiquem a comunicação entre distintos grupos sociais. Pode ser visto como um termo técnico, que indica o processo de diminuição da complexidade de um texto para um determinado público. Embora *simplificação* não faça jus à complexidade da tarefa, o termo já está consagrado na área, aparecendo em vários estudos (Finatto e Tcacenco, 2021).

Cabe aqui refletir sobre o sentido amplo e estrito da simplificação. Em sentido amplo, simplificação seria sinônimo de “mais acessível para o público x”. Desta forma, todo tipo de

⁶ MedSimples – disponível em <https://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/page/cartilha/> . Acesso em junho, 2023.

tradução seria uma simplificação, visto que a tradução tem como característica base a acessibilidade. Em sentido estrito, simplificação seria sinônimo de “menor complexidade textual” e, conseqüentemente, mais acessível para um público leigo. No primeiro caso, a simplificação seria vista como uma estratégia e, no segundo, como uma técnica⁷.

No sentido estrito, a simplificação está diretamente ligada ao contexto da linguagem simples e inclusiva e tem sido o foco dos estudos do GEATT. Ponomarenko e Rebechi (2023, p. 23), consideram que: “quando constatada a potencial complexidade de um texto para determinado leitor, é preciso recorrer a estratégias de reformulação com vistas a tornar a informação potencialmente mais acessível, em um processo chamado simplificação textual (ST)”. Ponomarenko e Rebechi (2023, p. 24) discutem “a questão da (in)acessibilidade vocabular dos TCIs⁸ para o leitor médio brasileiro”, mostrando a necessidade de simplificação textual dos Termos de Consentimento em procedimentos médicos, sem os quais muitos dos usuários não podem compreender o que estão assinando.

Finatto e Tcacenco (2021) apresentam a aplicação da INTRA na acessibilidade de textos de divulgação científica utilizados em museus para um público infante-juvenil. Os autores investigam a simplificação desse gênero textual para atender à um público leigo por meio de estratégias de tradução INTERL que também podem ser aplicadas à INTRA. Motta (2021, 2022) analisa a complexidade textual de sentenças do Juizado Especial Civil (JEC), investigando a efetividade de ferramentas de medida dessa complexidade textual. A autora desenvolve o processo de reescrita simplificada das sentenças selecionadas para estudo, contribuindo para os estudos sobre a simplificação textual como um tipo de INTRA. Na mesma linha de investigação, Silva (2018) estuda a reescrita simplificada de textos sobre transtorno de estresse pós-traumático (TSPT). Silva investiga em seu corpus de estudo a estratégia de simplificação via edição de pronomes, quebra de sentenças e parágrafos, redução de informação, ampliação de informação, substituição lexical, eliminação de voz passiva, redução de adjetivos e de advérbios. Desta forma, os trabalhos do GEATT apontam para a centralidade da simplificação textual no contexto da INTRA.

Jensen (2015) aborda a necessidade de textos funcionais no contexto da sociedade atual em que as pessoas são consumidoras de tecnologias em todas as áreas e precisam lidar com textos especializados de vários tipos, especialmente jurídicos e médicos. Esses textos são pouco acessíveis para leitores leigos e precisam de tradução intralinguística para promover a compreensibilidade. Esse fator é essencial, pois esse tipo de texto tende a impactar as ações do

⁷ Ver Molina e Hurtado 2002 para uma diferenciação dos termos método, técnica e estratégia.

⁸ TCI – Termo de Consentimento Informado.

indivíduo, ou seja, o leitor não é passivo. Os processos de explicitação e simplificação são apontados como elementos dessa compreensibilidade. A autora defende a compreensibilidade do texto alvo pelo leitor-alvo, visto que essa não é uma propriedade intrínseca do texto, mas um resultado da interação texto-contexto-leitor. A INTRA é vista como uma forma de garantir a compreensibilidade entre diferentes leitores em uma mesma língua. Este é o ponto de encontro entre a linguagem simples (no inglês, *plain language*), a acessibilidade e a INTRA. Jensen analisa a tradução interlinguística de panfletos informativos de saúde, do dinamarquês para o inglês, mostrando como a tradução mantém os termos técnicos e estruturas sintáticas mais complexas que dificultam a leitura de pessoas leigas, demandando assim, um trabalho posterior de tradução intralingual. A combinação de tradução inter e intralingual e linguagem simples provou-se útil para otimizar a compreensão.

Se considerarmos, como aponta Whyatt (2017), que a comunicação só é possível quando os comunicantes compartilham um conjunto de signos e de conceitos, a comunicação intralingual é necessária como forma de acessibilidade para um grande número de pessoas (muitas vezes excluídas e marginalizadas) em nossa sociedade. Whyatt (2017) destaca a necessidade de que os textos sejam "feitos sob medida" para o leitor pretendido. Assim, podemos considerar a acessibilidade textual e terminológica como uma forma de guiar o leitor no processo de compreensão e de interpretação, principalmente em contextos nos quais as diferenças linguísticas promovem a exclusão social. Estudos futuros poderão descrever outros aspectos essenciais da INTRA, explicando ainda mais este fenômeno.

6. Considerações finais

A INTRA tem recebido atenção de outras áreas da Linguística, para além dos Estudos da Tradução, merecendo estudos no campo da Linguística Textual, da Literatura e da Sociolinguística. Entretanto, permanece ainda um campo pouco explorado. Como aponta Zethsen (2022, p. 150),

as traduções altamente funcionais (que diferem muito dos textos originais), como localização, simplificação, comunicação entre especialista e público leigo, entre outras, são todas parte da vida moderna. No entanto, não conheço nenhuma tentativa detalhada e com base empírica que tenha o intuito de descrever as características gerais da tradução intralingual. (Zethsen, 2022, p. 150).

Pesquisas futuras precisam detalhar não apenas a definição de INTRA, mas também os tipos, as técnicas, as estratégias e a interface com outros processos de escrita. Este artigo explorou os

sentidos - amplo e restrito - dos conceitos de tradução intralingual, acessibilidade e simplificação, além de apresentar estudos de caso no campo da INTRA, mostrando a variedade, complexidade e necessidade social deste fenômeno linguístico que merece, sim, maior atenção da academia, em geral, e dos Estudos da Tradução, em específico.

Referências

ALBACHTEN, Ozlem Berk. Intralingual translation as 'modernization' of the language: the Turkish case. **Perspectives: Studies in Translatology**, 21:2, p. 257-271, 2013.

ANASTÁCIO, Sílvia M. G. O processo de recriação de uma peça de Soyinka para audiolivro. **Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética**, X ed., 2012, p. 104-113.

ARROJO, Rosemary. A tradução como paradigma dos intercâmbios intralinguísticos. **Alfa**, 36, p. 67-80, 1992. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3906> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

BENCHIMOL-BARROS, Silvia H et al. Especificidades terminológicas da ambiência do garimpo: contribuições aos estudos da tradução intralingual. **Revista Moara**, n. 57, vol. 1, p. 252-272, ago-dez 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9734> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

CARVALHO, Marcia G. P. de. **Tradução intralingual e lexicografia: proposta de compilação do vocabulário monolíngue do Círio de Nazaré**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

DIAS, Fátima R. da S. R. **Tradução intralingual e tradaptação numa empresa de legendagem**. Relatório de Estágio. Mestrado na área de Especialização em Inglês. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. 2013.

ELEUTERIO, Rosângela F. A tradução intralingual e a intertextualidade nos livros infantis de Clarice Lispector. In: THOME, B.B, MOURA, M.C.F. (Org.). **A tradução como espelho: gestos, línguas e sentidos refletidos no fazer tradutório**. Volume 2 [recurso eletrônico]. Florianópolis: DLLE/PGET/UFSC, 2021, p. 114-123.

FINATTO, Maria José B. Acessibilidade textual e terminológica: promovendo a tradução intralinguística. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 49, n. 1, p. 72-96, abril 2020. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2775> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

FINATTO, Maria José B. TCACENCO, Lucas M. Tradução intralinguística, estratégias de equivalência e acessibilidade textual e terminológica. **TradTerm**, São Paulo, v.37, n. 1, p. 30-63, janeiro 2021. Número Especial: Linguística de Corpus. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/168327> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

GERMANO, Marcelo G; KULESZA, Wojciech A. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. **Cad. Bras. Ens. Fis.**, v. 24, n. 1, p. 7-25, abril-2007. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/1546> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

HILL-MADSEN, Aage. The Heterogeneity of Intralingual Translation. **Meta**, 64(2), p. 537–560, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.7202/1068206ar> . Acesso em jan. 2024.

HURTADO-ALBIR, Amparo (Ed.). **Researching Translation Competence by PACTE Group**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017.

JENSEN, Matilde Nisbeth. Optimising comprehensibility in interlingual translation: the need for intralingual translation. In: I. K. Maksymski, S. Gutermuth, S. Hansen-Schirra (red.). **Translation and Comprehensibility**. Frank & Timme, 2015, p.163-194. TransÜD. Arbeiten zur Theorie und Praxis des Übersetzens und Dolmetschens Bind 72.

LACERDA, Patrícia F. A. da C. Tradução e Sociolinguística Variacionista: a língua pode traduzir a sociedade? **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, n. 20, p. 127-142, 2010.

MARCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MENDES, Eliana A. de M. Processos de Tradução Intralingual. **Anais ABRALIN**, 2009.

MOLINA, Lucía, HURTADO-ALBIR, Amparo. Translation techniques revisited: a dynamic and functionalist approach. **Meta**, XLVII, 4, 2002, p.498-512. Disponível em: < <https://www.erudit.org/en/journals/meta/2002-v47-n4-meta688/> >. Acesso em: 11 de julho de 2023.

MOTTA, Ester. Sentenças Judiciais e Acessibilidade Textual e Terminológica. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 14, n. 3, jul-set. 2020.

MOTTA, Ester. **Sentenças judiciais e linguagem simples: um encontro possível e necessário**. 2022. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

MOURA, Gehilde R. P de. **A retextualização de material didático para o ensino profissional de nível técnico como uma modalidade de tradução intralingual numa perspectiva semiolinguística**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MOURA, Gehilde R. P de. Revisão linguística: processo de tradução intralingual. **Educ&Tecnol**. Belo Horiznte, v. 19, n. 1, p. 49-60, p. 49-60, jan/abril. 2014.

MOSSOP, Brian. ‘Intralingual translation’: a desirable concept? **Across Languages and Cultures**, 17 (1), 2016, p. 1–24. Disponível em <https://akjournals.com/view/journals/084/17/1/article-p1.xml> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

PARAGUASSU, Liana B. **Tradução Especializada Acessível (TEA): revisão do tema e proposta de disciplina para cursos de graduação em Tradução**. Dissertação. Estudos de Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018.

PONOMARENKO, Gabriel L; REBECHI, Rozane R. Entender para consentir: uma proposta de tradução intralingual em Termos de Consentimento Informado. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 39, p. 1-27, 2013.

SILVA, Asafe Davi C. **Textos de divulgação para leigos sobre o transtorno do estresse pós-traumático em português: alternativas para a acessibilidade textual e terminológica**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ROBINSON, Douglas. Paraphrase. In: BAKER, Mona (Ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London, New York: Routledge, 1998, p. 166-167.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester, UK: St Jerome, 1997.

ZETHSEN, Karen K. Tradução Intralingual: uma tentativa de descrição. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, *UFRGS*, n. 48, p. 149-174, 2022. (Trad. Laura Pinto Berwanger). Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/4664> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

ZETHSEN, K. K.; HILL-MADSEN, A. O lugar da tradução intralingual nos Estudos da Tradução: uma discussão teórica. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, *UFRGS*, n. 48, p. 175-196, 2022. (Trad. Gabriel Luciano Ponomarenko). Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/4664> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

WOLF, Michaela. Uma "virada performativa" nos Estudos da Tradução? Reflexões em uma perspectiva sociológica. **Cadernos de Tradução, UFRGS**, n. 48, 2022, p. 1-21. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/view/4664> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

WHYATT, Boguslawa et al. Similar and different: cognitive rhythm and effort in translation and paraphrasing. Poland, **Poznan Studies in Contemporary Linguistics** 52(2), 2016, p. 175-208. Disponível em <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/psicl-2016-0007/html?lang=en> . Acesso em 27 de outubro de 2023.

WHYATT, Boguslawa. Intralingual Translation. In: SCHWIETER, J.W.; FERREIRA, A. **The Handbook of Translation and Cognition**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2017. p. 176-192.

Recebido em: 31/10/2023
Aprovado em: 26/12/2023